

Adelaide Manuela da Costa Duarte

Licenciada em História, variante História da Arte pela FLUC (1998). Mestre em Museologia e Património Cultural pela FLUC (2005). Doutoranda em Museologia e Património Cultural na FLUC desde 2006. A investigação que desenvolve neste contexto intitula-se, provisoriamente, «Do coleccionismo privado à fruição pública. Articulação entre as colecções privadas de arte moderna e contemporânea e o poder público. Contributos para a história da museologia em Portugal». Ao projecto de doutoramento foi concedido uma Bolsa de Investigação pela FCT. Após uma breve passagem pelo Museu de Aveiro (1999– 2000), foi bolseira de Investigação Científica da FCT no Museu Nacional da Ciência e da Técnica Doutor Mário Silva (2000– 2006). Ali desenvolveu actividades de programação, organização, instalação, montagem e divulgação de exposições de carácter temporário junto dos diferentes públicos. No âmbito do serviço educativo, trabalhou em ateliers pedagógicos. No estudo de colecções, realizou trabalho de inventariação e de acompanhamento de processos de recuperação e conservação de espólio científico e tecnológico.

O MACE: DA COLECÇÃO PRIVADA À FRUIÇÃO PÚBLICA

Adelaide Manuela da Costa Duarte

Resumo

O Museu de Arte Contemporânea de Elvas, Colecção António Cachola (MACE) abriu as portas ao público em 6 de Julho de 2007, num edifício da Câmara Municipal de Elvas (CME) musealizado para aquele efeito. Desde então, exhibe-se uma colecção de arte contemporânea portuguesa no interior do Alentejo. António Cachola é o promotor da colecção. O coleccionador reuniu obras de artistas portugueses, a partir dos anos (19)80, nas várias técnicas artísticas, coadjuvado pelo comissário, e director de programação da instituição, João Pinharanda, que apoia a afere as escolhas do coleccionador. Desde a génese da colecção que o coleccionador a perspectivou como de âmbito público. O MACE é, assim, a materialização daquele desejo.

Neste artigo propomo-nos a discutir vários aspectos da colecção: a sua formação e caracterização, a transferência do âmbito privado para o público ou o perfil do coleccionador.

Palavras-chave: Colecção Privada, Museu de Arte, Arte Contemporânea Portuguesa

Abstract

The Elvas Museum of Contemporary Art António Cachola Collection (MACE) opened to the public on July 6, 2007, in the old hospital, in Portuguese Alentejo, musealized for that purpose. Since then, it exhibits a collection of contemporary art from the collector António Cachola. He assembled works of Portuguese artists from the 80', with various artistic techniques, assisted by the commissioner and artistic director of the institution, João Pinharanda, who supports the choices of the collector. Since the genesis of the collection the collector wished the public realm, which became embodied by the MACE.

In this article we propose to discuss various aspects regarding the collection: its formation and characterization, the shift from the private to the public sphere, the distinctive profile of the collector.

Keywords: Private Collection, Art Museum, Contemporary Portuguese Art

Introdução



Mafalda Santos, Maze, 2007. Pormenor. Col. António Cachola. Paio de Nossa Senhora da Conceição, Elvas (Fot. Adelaide Duarte, 2008)

O excerto do desenho de Mafalda Santos (1980) que apresentamos, *Maze* (2007), refere-se à rede de instituições e de colecionadores privados na qual se inscrevem as obras de arte colecionadas. Neste diagrama, visualizam-se os artistas presentes na colecção MACE, bem como as restantes instituições, em cujas colecções também estão representados.

Neste artigo, procurar-se-á conhecer, através da sua definição, as variáveis dos perfis de colecionadores, e as motivações do acto de coleccionar, por forma a fundamentar o papel de António Cachola, o colecionador de arte contemporânea portuguesa em apreço. O seu perfil afigura-se específico no panorama nacional, desde logo, no desejo de partilhar com o público a sua colecção desde o momento mais embrionário, ou na aposta em artistas emergentes, com carreiras por consolidar, o que revela gosto pelo risco, a audácia associada, a ousadia e até a coragem para enfrentar as críticas às escolhas. Entendemos a procura da singularidade das colecções como a maior riqueza da actividade de coleccionar. Embora se trate de uma colecção recente, o seu resultado pode ser fruído, publicamente, desde 2007. Elvas, uma cidade raiana, desde então vê-se inscrita no circuito da arte contemporânea em Portugal, contrariando o défice cultural a que a região tradicionalmente se encontrava votada.

1. Da colecção privada à fruição pública

No âmbito da mostra da colecção António Cachola no Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo (MEIAC), em Badajoz, Espanha, no ano de 1999, Alexandre Pomar, crítico de arte, escreveu o artigo intitulado, «Colecção de fronteira». Citamos: «Não é frequente que se dê a conhecer publicamente uma colecção particular. [...] As colecções privadas são a expressão de um gosto ou de uma paixão [...] pessoal, que quase sempre só vem a público após a morte

do colecionador [...]. Evoluem com o tempo [...]. Em certos casos [...] acabam a sustentar o património de grandes museus [...]. Será essa uma imagem ultrapassada de colecção?»¹.

Respondendo à questão ali levantada, julgamos que a imagem de colecção não está ultrapassada, ou antes, a do colecionador que paulatinamente a constitui ao sabor do gosto e das vicissitudes da sua vida. Porém, na actualidade, aquela afirmação tende a ser contrariada dado que têm surgido vários exemplos de colecções particulares cuja musealização é o objectivo promovido pelos próprios colecionadores.

Ainda aproveitando o pensamento do crítico, sublinhamos a ideia de gosto, de paixão, de selecção, de tempo e de intimismo, uma terminologia que dá corpo ao colecionador individual, caracterizando-o. Este é muitas vezes identificado com aquele que entesoura, antagonizando-se com a imagem do colecionador que exhibe, ou seja, aquele que partilha e lega o fruto do seu colecionismo. José-Augusto França, Manuel de Brito, José Berardo ou António Cachola, para referir alguns colecionadores portugueses de arte moderna e contemporânea, são nomes que se inscrevem neste último perfil².

Coleccionar é uma actividade social que dá forma a um discurso e revela uma maneira de pensar, a do colecionador, numa relação entre os valores e o objecto escolhido, podendo implicar uma procura permanente³.

Estamos em crer que, volvidos dez anos, A. Pomar não iniciaria o citado texto na negação porque ao longo desta primeira década do século XXI, em Portugal, tem-se assistido à abertura de museus de arte moderna e contemporânea com base em colecções de proveniência privada, que obrigam a rescrever a história da museologia da arte e do colecionismo. Enunciamos alguns exemplos: em 2004, registou-se a abertura do Núcleo de Arte Contemporânea Doação José-Augusto França, em Tomar; em 2006, o Centro de Arte Manuel de Brito, em Algés; no ano seguinte, em 2007, o Museu Colecção Berardo de Arte Moderna e Contemporânea, em Lisboa, cuja colecção desde 1997 se encontrava disponível ao público no Casino sintrense, o MACE, em Elvas.

1 Alexandre Pomar, "Colecção de fronteira", http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/2007/06/coleco_antnio_c.html (acedido em 27 de Agosto de 2009).

2 A ideia da dicotomia no acto de coleccionar terá por base as palavras de Sacha Guitry, «Il y a deux sortes de collectionneurs, celui que cache ses trésors et celui qui les montre; on est placard ou bien vitrine» [Maurice Rheims (2002), *Les collectionneurs. De la curiosité, de la beauté, du goût, de la mode et de la spéculation*, Paris, Éditions Ramsay, p. 13].

3 A acção de coleccionar, segundo o sociólogo Jean Baudrillard, ajuda a contrariar a fugacidade da vida ou a angústia do tempo e da morte [Jean Baudrillard (2006), *O sistema dos objectos*, São Paulo, Perspectiva, p. 103-105].

Pelo exposto, parece-nos, ao invés, que é cada vez mais frequente que se dê a conhecer publicamente as colecções privadas, registando-se uma extraordinária dinâmica entre os museus de arte contemporânea⁴. O estudo de caso que nos ocupa é disso um exemplo: *O MACE: da colecção privada à fruição pública* assinala um momento de grande significado na história da museologia, a passagem da colecção da esfera privada para a pública.

2. António Cachola, um coleccionador discreto

O papel do coleccionador António Cachola (1949?) situa-se na intersecção entre o domínio privado e o público.

Esta ténue fronteira de domínios diz respeito à abertura de museus de arte moderna e contemporânea com colecções de proveniência privada em espaços públicos, recuperados para aquele efeito que, todavia, continuam sendo privadas e protegidas por protocolos de tempo variável. Assim, a colecção de António Cachola é de fruição pública e foi constituída com esse intuito. Mas, de acordo com o protocolo assinado, em 2001, com a CME, o conjunto de obras anexo ao referido documento fica à salvaguarda do MACE, sob a figura de depósito⁵. Desconhecemos a publicação de entrevistas concedidas na primeira pessoa do coleccionador, sendo esse papel remetido para o actual director de programação do MACE, o crítico João Pinharanda.

António Cachola é um quadro superior da empresa Delta Cafés. Natural de Elvas, o empresário ocupa o lugar de director financeiro da referida empresa, sediada em Campo Maior. A partir do Alentejo, o coleccionador ousou inscrever o nome Elvas, uma cidade raiana, e muito fortificada, no circuito da arte contemporânea. Como se pode ler, pretende-se: «transformar um museu de fronteira num museu que ajude a acabar com as fronteiras: entre a arte contemporânea e o público, entre centro e periferia, entre Portugal e Espanha»⁶. No alcance deste objectivo, «o museu surge como centro cultural em rede territorial», procurando-se estreitar uma cooperação com o MEIAC⁷.

4 Parafraseamos a ideia do artigo: Raquel Henriques da Silva (2008), "Museus de arte contemporânea: uma extraordinária dinâmica", *Museologia.pt*, N.º 2, Ano II, Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação, p. 113-125.

5 Protocolo de acordo entre a Câmara Municipal de Elvas e Dr. António Cachola, Elvas, 21 de Abril de 2001 (Arquivo MACE).

6 João Pinharanda (2007), "Uma colecção em progresso. Da necessidade da Colecção António Cachola", *Museu de Arte Contemporânea de Elvas. Colecção António Cachola. Um roteiro, Elvas*, p. 9.

7 Ana Tostões (2008), "Mace: espaço de contemporaneidade e lugar de memória", *Monumentos, Revista Semestral do Património Construído e da Reabilitação Urbana*, N.º 28, p. 182.

No ano de 1999, começou a constituir-se a colecção. O pretexto foi a exposição temporária da “Colecção António Cachola” realizada no MEIAC, naquele ano. Foi neste âmbito que João Pinharanda iniciou a colaboração com António Cachola para aferir a escolha das obras que seriam exibidas no Museu, imprimindo um tom museológico ao conjunto de obras. O comissário defende que: «nenhum artista deve viver isolado na colecção [...]. Sempre o aconselhei a seguir o trabalho dos artistas [...]. Criar núcleos torna a colecção mais coesa, mais concentrada»⁸.

O seu número rondava, então, as 100 obras e haviam sido adquiridas maioritariamente para aquela exposição. Foram exibidos 34 artistas. Para A. Pomar estava-se em presença de uma «colecção de risco» com «apostas em emergências recentíssimas de artistas cujas obras escolares não puderam ainda confirmar-se em continuidades de trabalho» e «de um bem visível gosto pela pintura»⁹. Ora, este é o maior desafio de coleccionar a arte contemporânea, e o coleccionismo privado é, geralmente, mais arriscado e mais ousado. O que A. Pomar designa por uma «colecção de promessas», para o coleccionador será a sua singularidade e a «genial capacidade criativa» da arte contemporânea portuguesa¹⁰. Perante estes argumentos, o crítico parece reivindicar o papel de museu como um espaço de legitimação da arte, no qual haveria pouca “margem para experiências”.

Segundo o catálogo, a exposição organizou-se em três grandes eixos, «Corpo. Imagens do corpo», «Lugar. As determinações do lugar», «Linguagem. Linguagem e decoração», e pretendeu mostrar a arte contemporânea portuguesa nas décadas de (19)80-90¹¹. Estas décadas transformar-se-iam no conceito da colecção e na baliza cronológica a partir da qual a colecção se ancoraria. O comissário fundamenta a opção: «o objectivo genérico da colecção é o de cobrir propostas criativas dos artistas portugueses a partir da década de 80», por motivos históricos e individuais. Os primeiros prendem-se com a visibilidade pública que os artistas portugueses ganharam naquela década, e, os segundos têm que ver com a formação cultural e profissional do coleccionador que se revê, geracionalmente, em muitos artistas da colecção¹².

8 Paula Brito Medori (2007), “A colecção não vai parar”, *L+Arte*, N.º 38, Lisboa, p. 24.

9 Alexandre Pomar, art. cit., *acedido em 28 de Agosto de 2009*.

10 Alexandre Pomar, “O Museu de Elvas - MACE”, http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/2007/07/o-museu-de-elva.html, *acedido em 1 de Setembro de 2009*; António Cachola (2009), “Uma colecção, um museu”, *Colecção António Cachola, Museu de Arte Contemporânea de Elvas, Elvas*, p. 13.

11 João Pinharanda (1999), “Corpo, lugar, linguagem”, *Colecção António Cachola. Arte portuguesa anos 80-90, Badajoz*, p. 9-19.

12 *Idem*, p. 13.

António Cachola não se furta ao papel de colecionador, isto é, define a colecção e intervém directamente na aquisição de obras em perseverantes negociações, frequenta *ateliers* de artistas e galerias de arte, embora coadjuvado pelo comissário, revelando, julgamos, profissionalismo no modo de entender a actividade. Após aquela exposição, o colecionador continuou a adquirir sem o comissariado de João Pinharanda que, apenas em 2003, voltaria àquele papel. O objectivo era, então, musealizar a colecção.

3. O MACE numa cidade raiana

Em Julho de 2007, a revista *L+Arte* noticiou a abertura de dois museus dedicados à arte moderna e contemporânea no nosso país, com colecções de proveniência privada, uma de âmbito internacional e a outra de âmbito nacional: *Dois homens dois museus. Colecção Berardo e Colecção Cachola abrem ao público*¹³. O MACE inaugurou em 6 de Julho de 2007.

O depósito da colecção no Museu foi negociado entre António Cachola e a CME. Para o efeito, foi adquirido pela CME o antigo Hospital e Mesa da Misericórdia de Elvas, em 2002, um edifício, de características barrocas, do risco de José Francisco de Abreu, erguido em meados do século XVIII. Sofreu obras de beneficiação para a sua nova função museal propostas pelo arquitecto Pedro Reis e pelos *designers* Filipe Alarcão e Henrique Cayatte, com apoio financeiro do Programa Operacional da Cultura¹⁴. O Instituto Português dos Museus acompanhou, a par e passo, o desenvolvimento do processo, sendo da sua responsabilidade o projecto museológico. Este programa pode ser lido como a estrutura teórica da instituição nascente¹⁵.

Da lista de cerca de 100 obras anexas ao programa, o colecionador comprometeu-se a acrescentar novas peças ao seu espólio. Actualmente, a colecção quase quadruplicou, perfazendo cerca de 407 obras¹⁶. As obras são mostradas ao público mediante a exposição «permanente ou rotativa» no «espaço nobre» que a CME

13 *L+Arte*, N.º 38, Lisboa, Julho de 2007. Porém, não foi incluído o Museu da Fundação António Prates, que inaugurou naquele mês e naquele ano, apesar de já ter encerrado.

14 Ana Tostões, art. cit., p. 179-182; (2009), “Dossier da obra”, *Colecção...*, p. 23-35.

15 *Programa Preliminar/Programa Museológico do Museu de Arte Contemporânea de Elvas. Colecção António Cachola, Dezembro de 2002 (Arquivo MACE)*.

16 (2009) *Colecção...*, p. 154-192.

disponibilizou, o MACE¹⁷.

A colecção de arte de António Cachola é de âmbito nacional, balizada a partir dos anos 80, como já se referiu. Procura ser um reflexo do trabalho dos artistas portugueses nos vários suportes técnicos: a pintura, a escultura, o vídeo, o desenho, a gravura, a fotografia, a instalação, ou seja, apresenta-se como um compêndio da história da arte portuguesa recente. Segundo a informação do catálogo *raisonné* estão representados 82 artistas, um número que duplicou face a 2001, o ano da assinatura do protocolo entre o coleccionador e a presidência da CME¹⁸.

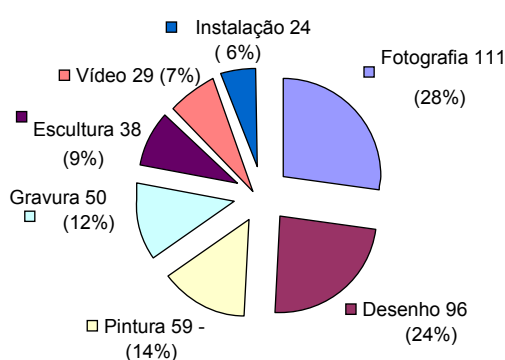


Gráfico 1
Col. António Cachola ao nível do suporte técnico % (2008)

No que respeita à colecção, em 2008, e como se pode verificar no Gráfico 1 supra, a técnica da fotografia é a mais representada com 111 peças, correspondendo a 28% face à totalidade das obras. Segue-se a técnica do desenho, com 96 obras (24%)¹⁹. Na colecção figuram: 59 pinturas (14%), 50 gravuras (12%), 38 esculturas (9%), 29 vídeos (7%) e 24 instalações (6%)²⁰.

Relembrando o texto de A. Pomar, se, na primeira mostra da colecção no MEIAC, existia «um bem visível gosto pela pintura», o mesmo não se pode afirmar neste quadro de aquisições onde a pintura “perde” protagonismo para as técnicas da

17 Sabe-se que as duas primeiras exposições temporárias, “Uma colecção em progresso” (07-07-07 a 21-10-07) e “Algumas paisagens” (28-10-07 a 02-03-08), foram vistas por c. 7000 pessoas [Vide: Protocolo..., “N.º Visitantes 1.ª e 2.ª Exposição” (Arquivo MACE)].

18 (2009) Colecção....

19 No domínio do desenho, destacamos o virtuosismo de João Queiroz (1957) na «reinvenção da paisagem» [Alexandre Melo (2007), *Arte e artistas em Portugal*, IC/Bertrand Editora, p. 101].

20 Os valores do gráfico, da nossa autoria, têm por base o catálogo e devem ser lidos como aproximativos, dado o nível contínuo de aquisições [(2009) Colecção..., p. 154-192].

fotografia e do desenho²¹. Por exemplo, a nível da fotografia, Jorge Molder (1947), o artista mais velho na colecção que consolidou a importância desta técnica no contexto das artes plásticas na década de 80²²; assina a série *Anatomia Boxe* (1996-97) com 40 exemplares; André Gomes (1951) é o autor de “A casa da boneca”, “Cenas da vida libertina” e “Requiem”, da série *A Carreira do libertino*, com 24 fotografias (1994); e, Augusto Alves da Silva (1963) o autor da série 3.16 de 11 fotografias, de 2003, imagens com uma forte conotação política.

Na perspectiva do comissário, os núcleos mais fortes da colecção são constituídos pelas obras de Pedro Calapez (1953), Rui Sanches (1954), José Pedro Croft (1957) ou Pedro Proença (1962)²³. Efectivamente, na colecção procura-se acompanhar o percurso destes autores com obras dos anos 90 e da primeira década do séc. XXI. José Pedro Croft é o artista plástico mais representado na colecção, a nível do número de obras e de acompanhamento do percurso. As obras datam de 1995 a 2007 nas técnicas da gravura, onde se destaca uma série da 39 gravuras (2001), da escultura e do desenho (s.t., 1995, 1997, 1999, 2001, 2002, 2003, 2007), perfazendo 57 peças.

Na perspectiva de Alexandre Melo, «uma das características da conjuntura artística dos anos 80 foi [...] produzida pela afirmação pública de grupos informais de artistas [...]. Tais grupos correspondiam mais a cumplicidades de formação, promoção e atitude do que a afinidades programáticas ou estéticas»²⁴. Pedro Calapez, Rui Sanches, José Pedro Croft e Pedro Cabrita Reis estão entre aqueles grupos e na colecção. Os artistas Ana Vidigal (1960), Ilda David (1955), Manuel Rosa (1953) e Xana poder-se-iam inscrever neste contexto. Julgamos que estes autores fundamentam o conceito da colecção ancorar nos anos 80, embora as obras da colecção datem da década seguinte.

Miguel Palma (1964), João Tabarra (1966), Miguel Ângelo Rocha (1964) e Rui Serra (1970) são artistas importantes da década seguinte, emergentes ao tempo em que figuraram na exposição *Imagens para os anos 90* e de diminuta presença na colecção António Cachola²⁵.

A colecção foi sempre apresentada como um processo em crescimento, desde a primeira mostra em 1999. Na continuidade deste conceito, e parafraseando

21 Alexandre Pomar, art. cit., acedido em 27 de Agosto de 2009.

22 Alexandre Melo, ob. cit., p. 66.

23 Paula Brito Medori, art. cit., p. 24.

24 Alexandre Melo, ob. cit., p. 69.

25 Exposição comissariada por Fernando Pernes [*Imagens para os anos 90* (1993), FS/Câmara Municipal de Chaves].

o título da primeira exposição temporária que teve lugar no MACE, esta é uma “coleção em progresso”, e acrescentamos, em aberto, todavia ambiciosa porque se pretende como uma «referência obrigatória na interpretação da realidade artística nacional»²⁶. Ora, ao longo destes dez anos, se a coleção triplicou ao nível do número de artistas e quadruplicou ao nível do número de obras, significa que a prioridade do colecionador tem sido completar núcleos e tendências.

A primeira década do século XXI apresenta uma geração de artistas «fluente na língua franca da arte contemporânea»²⁷, na medida em que se inserem no contexto internacional, utilizam uma linguagem de estilos plural, longe da ideia de grupo da década anterior. Exemplificativo deste percurso autoral, e em construção, são os trabalhos de Nuno Viegas (1977) com 17 obras na coleção; Pedro Gomes (1972) com 12; Rui Calçada Bastos (1972) com 5; Noé Sendas (1972) com 4; ou Vasco Araújo (1975) com 4 obras.

Recuperando a ideia do comissário, o MACE deu a oportunidade a um Museu situado na fronteira de contribuir para acabar com as fronteiras.

Conclusão

O perfil de António Cachola destaca-se como colecionador de arte do “tempo presente”. A motivação filantrópica, cívica e estética são características a imputar ao seu perfil. Estamos perante um colecionador que começou por fazer uma exposição sem ter uma coleção, vindo a formar uma coleção para expor. Entre vicissitudes, e originalidade, a coleção constituiu-se museologicamente desde o momento mais embrionário. Com dez anos de existência, a coleção é muito recente e não tem o habitual tempo de “fermentação” que as coleções privadas nos habituaram ao longo da História. Está muito implicada com os artistas da geração do colecionador, e foi constituída para o “olhar do público”. Os anos de maior significado na sua história são, 1999, 2001 e 2007, isto é, o ano da primeira exposição no MEIAC, o ano da assinatura do protocolo com a CME e, finalmente, o ano em que o MACE abriu ao público.

Em suma, a abertura do Museu numa cidade fronteiriça vem, por um lado, atestar a dinamização que os museus de arte moderna e contemporânea, abertos ao público nesta primeira década do séc. XXI, trouxeram à museologia, e, por outro, na perspectiva do colecionismo, o conjunto de obras em permanente crescimento na

26 João Pinharanda, *ob. cit.*, 1999, p. 11.

27 Alexandre Melo, *ob. cit.*, p. 110.

colecção contribui para potenciar o mercado da arte português.

No que concerne ao futuro da colecção, consideramos da maior pertinência a CME acautelar o *terminus* do protocolo, promovendo a formação de uma colecção própria ou negociando, com o colecionador, em termos que este abdique, paulatinamente, das obras.

Referências

- Baudrillard, Jean (2006), *O sistema dos objectos*, São Paulo, Perspectiva.
- Cachola, António (2009), “Uma colecção, um museu”, *Colecção António Cachola, Museu de Arte Contemporânea de Elvas*, Elvas, p. 11-13.
- Colecção António Cachola, Museu de Arte Contemporânea de Elvas* (2009), Elvas.
- Imagens para os anos 90* (1993), FS/Câmara Municipal de Chaves.
- Jürgens, Sandra Vieira, *João Pinharanda* (Entrevista, Lisboa, 1 de Fevereiro de 2008), <http://www.artecapital.net/entrevistas.php?entrevista=46> (acedido em 25 de Agosto de 2009).
- Medori, Paula Brito (2007), “A colecção não vai parar”, *L+Arte*, N.º 38, Lisboa, p. 24-26.
- Melo, Alexandre (2007), *Arte e artistas em Portugal*, IC/Bertrand Editora.
- Pinharanda, João (1999), “Corpo, lugar, linguagem”, *Colecção António Cachola. Arte portuguesa anos 80-90*, Badajoz, p. 9-19.
- Pinharanda, João (2007), “Uma colecção em progresso. Da necessidade da Colecção António Cachola”, *Museu de Arte Contemporânea de Elvas. Colecção António Cachola. Um roteiro*, Elvas, p. 8-9.
- Pomar, Alexandre, “Colecção de fronteira”, http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/2007/06/coleco_antnio_c.html (acedido em 27 de Agosto de 2009).
- Pomar, Alexandre, “O Museu de Elvas - MACE”, http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/2007/07/o-museu-de-elva.html (acedido em 1 de Setembro de 2009).
- Programa Preliminar/Programa Museológico do Museu de Arte Contemporânea de Elvas. Colecção António Cachola*, Dezembro de 2002 (Arquivo MACE).
- Protocolo de acordo entre a Câmara Municipal de Elvas e Dr. António Cachola*, Elvas, 21 de Abril de 2001 (Arquivo MACE).
- RHEIMS, Maurice (2002), *Les collectionneurs. De la curiosité, de la beauté, du goût, de la mode et de la spéculation*, Paris, Éditions Ramsay.
- Silva, Raquel Henriques da (2008), “Museus de arte contemporânea: uma extraordinária dinâmica”, *Museologia.pt*, N.º 2, Ano II, Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação, p. 113-125.
- Tostões, Ana (2008), “Mace: espaço de contemporaneidade e lugar de memória”, *Monumentos, Revista Semestral do Património Construído e da Reabilitação Urbana*, N.º 28, p. 179-182.